

Cartas a uma jovem psicanalista

Autor: Heitor O’Dwyer de Macedo

Editora: Perspectiva, 2011

Resenhado por: Luciano Antunes F. Sousa¹

Logo na introdução de *Cartas a uma jovem psicanalista*, Heitor O’Dwyer de Macedo diz “foi o teatro que fez de mim o psicanalista que sou”. Colocação inicialmente enigmática, mas que vai dar o tom às 36 cartas que compõem o livro e são endereçadas a uma jovem analista francesa com quem Heitor se propõe a dialogar. Brasileiro, radicado na França desde 1968, Heitor era diretor de teatro antes de tornar-se psicanalista. Publicou, entre outros, *Ana K, a conjugação do corpo: história de uma análise* e *Do amor ao pensamento*. Seu *Cartas a uma jovem psicanalista* foi publicado em 2008 na França, onde teve uma boa acolhida.

O gênero epistolar, escolhido por Heitor, remete diretamente a Rilke e tem, no campo da psicanálise brasileira, antecedentes significativos com Contardo Calligaris (*Cartas a um jovem terapeuta*) e Marialzira Perestrello (*Cartas a um jovem psicanalista*). Remete, ainda, à correspondência trocada entre Freud e Fliess, documento importante do período de construção da psicanálise. Heitor, cuja intenção é transmitir a paixão e a alegria necessárias ao fazer psicanalítico, compartilha com estes as vantagens trazidas pelo gênero, que propicia vasta liberdade para que se abordem os temas mais variados, desenvolvendo novas reflexões e levantando indagações que não necessitam extenso aprofundamento. O resultado final é de um texto, ao mesmo tempo, fluido e prazeroso, que pode ser lido de forma não linear, serve tanto para interessados pela psicanálise, quanto para profissionais da área.

Uma ampla gama de tópicos é abordada nas cartas, dentre os quais: questões relacionadas ao enquadre (poltrona ou divã, honorários, humor e confiabilidade), ao processo analítico (transferência, resistências, interpretação e ensino), à psicopatologia (histeria, perversão, psicose) e à leitura de Freud contraposta a outros autores (principalmente Lacan e a produção inglesa). Observador, por vezes mordaz, Heitor não se esquiva de abordar, paralelamente, pontos mais sensíveis e espinhosos do trabalho analítico, expondo arrogâncias, filiações teóricas paralisantes e tecnicismos exagerados na condução do tratamento. Seu livro tem o mérito de revisitar lugares-comuns do fazer do analista e, falando do que raramente se fala por pertencer ao campo do “evidente”, abrir novas possibilidades de reflexão e crítica.

1 Membro filiado do Instituto de Psicanálise Virginia Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília SPB.

Dois eixos principais de reflexão perpassam todas as cartas: a conflituosa imbricação entre teoria e prática na clínica e a concepção pessoal do autor sobre o sentido e a responsabilidade dessa profissão – sua ética. Por essa ótica, o livro é quase uma biografia do percurso psicanalítico empreendido pelo autor. Os diálogos constantes com seus autores preferidos – Freud, Winnicott, Ferenczi, Spinoza, Joyce McDougall, Piera Aulagnier, Michel Neyraut – dão o tom de sua abordagem. Mas, principalmente, é na dinâmica dos encontros concretos – com Françoise Dolto, Gisela Pankow, Hélio Pellegrino e Victor Smirnoff – que o autor forja a sua concepção de uma ética essencial à psicanálise – a da amizade.

Para Heitor o encontro analítico com os pacientes, com colegas e supervisores são todos de uma mesma tessitura. O vínculo que se estabelece e sobre qual se desenrola qualquer pensar ou processo analítico que mereça esse nome é o da amizade e da alegria. Na carta “A transferência e a amizade” o autor fia-se em Winnicott para dizer que “Está tudo dito: a matriz da amizade é a mesma da transferência, e essa matriz é uma relação que permite experimentar a solidão como um lugar que é bom estar” (p. 139). Durante o tratamento, o trabalho de análise funcionaria como um objeto transicional, espaço que reúne e separa o par analítico, e a amizade, como um operador do pensamento quando o encontro entre os dois protagonistas se ocupar da invenção da vida a partir do reconhecimento das produções do inconsciente. A intuição e o entendimento decorrentes desse processo viriam acompanhados de um afeto de uma qualidade particular: a alegria.

Em *Cartas a uma jovem psicanalista* Heitor concebe a transferência como a tentativa de reinscrição de um passado, de um novo desfecho para a história infantil do paciente. O *setting* analítico como o lugar em que se criam condições para que a capacidade de testemunha do sujeito se faça presente. Nesse sentido, filia-se a retomada da teoria do trauma feita por Ferenczi e faz uma releitura de Freud no que concerne a compulsão à repetição em sua relação com Eros. Na carta “Leitura de *Além do princípio do prazer*” o autor postula que a idéia de pulsões de morte que nos é imposta pelo mecanismo da compulsão à repetição exige, concomitantemente, “a admissão de um caráter igualmente compulsivo, insistente e repetitivo das pulsões de vida” (p. 75).

Assim, para Heitor, o texto de 1920 não apenas se limita a introduzir o conceito de pulsão de morte e a reconhecer o funcionamento do aparelho psíquico segundo a compulsão à repetição, mas modifica substancialmente a teoria da libido. Segundo sua leitura, as pulsões sexuais têm agora o mesmo caráter repetitivo e compulsivo das pulsões de morte, nesse registro se opondo ao princípio do prazer e merecendo também o título de demoníacas. Igualmente insuportável para o registro do Eu quanto o que vem de Thanatos, o que insiste e se repete a partir de Eros é o investimento do desprazer. No entanto, é a tensão que acompanha todo desprazer que se torna

sinal de uma ampliação do campo do possível, por isso é desejada e objeto de investimento. Segundo o autor, apesar de demandar um enorme trabalho psíquico, isso implica uma disponibilidade para o outro e o real do mundo, mas também para suas próprias sensações, emoções e sentimentos. “A alegria é uma consequência do que se tornou uma necessidade: investir prioritariamente a complexidade do encontro entre o psiquismo e as opacidades do mundo.” Em “Freud e Spinoza” o autor retoma o tema para afirmar que

Freud, cujo nome, aliás, quer dizer “alegria” em alemão, não propõe, ao contrário de seu ancestral, uma ascese dos afetos e das paixões a partir da experiência de alegria. A alegria freudiana integra a angústia – o afeto básico – e também a aceitação da morte. (p. 288)

Heitor não economiza ao apresentar sua experiência concreta na clínica. São inúmeras e instigantes as vinhetas clínicas que relata nas cartas. A tônica não é a do exemplar, do modelo a ser seguido, mas o da liberdade criativa que o autor se propõe e incentiva na condução de cada tratamento singular.

Na carta “O conceito de continuidade de existência em Winnicott” apresenta um deles: depois de alguns anos de encontros com uma paciente de organização melancólica em que nada abalava sua certeza de que o analista a detestava e queria se livrar dela, Heitor, certo dia, não comparece à sessão. No encontro seguinte, a paciente não parece dar grande importância ao ocorrido, afirmando que todos têm imprevistos e que ela não seria idiota de achar que o analista não tem vida própria. Heitor conta-lhe o que de fato ocorrera – havia dormido no horário de sua sessão, acordando justamente ao final – o que tem o efeito de fazê-la sair do desamparo e gerar um ódio selvagem, pois era a confirmação de sua suspeita de que o analista queria apenas seu dinheiro, que, como sua mãe, queria que ela morresse. Heitor apresenta o impasse à paciente: caso essa fosse a única interpretação possível do ocorrido e que confirmariam as acusações que lhe eram feitas há anos, seria preciso interromper a análise. Por outro lado, se fosse cabível considerar o ocorrido como sendo induzido por ela, para confirmar suas acusações e o desqualificar como alguém capaz de ajudá-la, o ocorrido faria parte do tratamento e a paciente deveria pagar pela sessão que o fez faltar. Nas palavras do próprio autor:

Ante o que, com razão, ela disse que eu estava completamente louco. Respondi que concordava em não excluir essa possibilidade, mas que, por hora, tínhamos uma única alternativa: ou ela me pagava a sessão e continuávamos a trabalhar juntos, ou ela não me pagava a sessão e eu interrompia a análise. Ela me pagou a sessão e quem desapareceu foi a constelação melancólica. (p. 70)

A preocupação do que Heitor denomina de “estar vivo” – tema que retoma de Winnicott – é uma constante em sua reflexão sobre os tópicos da psicanálise. O que perpassa toda a leitura das cartas é uma proposta de humanidade na clínica, uma disponibilidade absurda para o outro, para ouvir esse outro no que há de mais íntimo e humano. Uma escuta da alteridade que, para o autor, não parece esbarrar na teoria como um empecilho, mas como um mecanismo facilitador do encontro com um corpo que fala, pensa e ama. A consideração introdutória da influência do antigo legado teatral no fazer psicanalítico de Heitor ganha então contornos mais definidos ao final da leitura de *Cartas a uma jovem psicanalista*. Não é sem importância que o teatro seja, dentre todas as artes, a mais efêmera delas, a arte do encontro humano por excelência, do que não pode ser capturado em sua totalidade. Heitor O’Dwyer de Macedo nos lembra, assim, da encruzilhada própria da natureza da psicanálise como um fazer, ao mesmo tempo, científico e artístico.

Luciano Antunes F. Sousa
SEPS 705/905, Bloco C, sala 228 | Ed. Mont Blanc
70 000-00 Brasília, DF
Tel: 61 8178-8917
lucianoantunes@yahoo.com.br